



1 CONGRESSO NACIONAL DE TURISMO

IV SECCÃO

HOTEIS E AGUA

TESE APRESENTADA POR D. ALBERTO BRAMÃO



LISBOA

1 9 3 6





I CONGRESSO NACIONAL DE TURISMO

IV SECÇÃO

HOTEIS E AGUA

TESE APRESENTADA POR D. ALBERTO BRAMÃO



LISBOA
1 9 3 6

E.S.H.T.E.

Nº INV 8043

**BIBLIOTECA CELESTINO
DOMINGUES**

Escola Superior de Hotelaria e Turismo
do Estoril

Registo Nº

14030

Entrada em:

28/08/2011

Cota:

CMD36

O período agitado, incómodo e perigoso, que o mundo atravessa, contrastando com a estabilidade pacífica de Portugal, proporciona-nos uma flagrantíssima oportunidade de aproveitamento turístico.

Milhares e milhares de pessoas, habituadas a procurar fóra dos seus países estações europeias de mais suave clima, poderão encontrar agora em Portugal, não só a melhor suavidade climática que pretendem, mas também as condições de paz e segurança social que deixaram de fruir nos países a que se haviam habituado.

Esta circunstância, determinada por excepcionais acontecimentos, afigura-se-me uma rara oportunidade de vantagem turística.

Podemos neste momento valorizar notavelmente os nossos predicados para atracção de estrangeiros.

Possuímos tôdas a condições indispensáveis: encantos de paisagem, monumentos, Arte, tradições históricas, afabilidade popular e clima.

Quanto ao clima, que é um dos máximos atractivos de turismo, basta citar estes números comparativos com os de Nice, que é uma das estâncias mais afamadas da Europa pela sua amenidade climatérica.

Em 1934, a média anual da temperatura de Sintra, no bairro da Estefânia, foi de 18 graus centígrados; a de Nice foi de 15°,90.

Mas não basta acentuar a superioridade da temperatura na média anual, porque para este resultado poderia concorrer porventura, influindo na média, um excesso de calor nos meses de verão.

Ora tal facto não se dá, antes pelo contrário, os meses de verão em Sintra acusam temperatura mais baixa do que em Nice.

Vejámos os máximos nestas duas regiões:

Em Junho.. .. .	Sintra — 23,36	Nice — 26,13
» Julho.. .. .	» — 25,29	» — 28,16
» Agosto	» — 26,51	» — 28,41
» Setembro	» — 26,26	» — 27,66

Como se vê, nos meses mais quentes do ano, a temperatura de Sintra foi muito mais moderada que a de Nice. A diferença dá a média de 2°,24 em cada mês.

Para completar o confronto, vejámos a diferença nos meses mais frios do ano:

Em Janeiro	Sintra — 10,6	Nice — 3,05
» Fevereiro.. .. .	» — 11,64	» — 3,5
» Março.	» — 13,30	» — 7,12
» Abril.. .. .	» — 14,40	» — 8,43
» Novembro	» — 13,6	» — 9,46
» Dezembro	» — 12,51	» — 7,0

A média em cada um destes seis meses dá a diferença para menos de 6°,26.

Desta fôrma, chegámos à seguinte conclusão: o clima de Sintra é muito menos frio no inverno e muito menos quente no verão que o de Nice.

Nos seis meses considerados de inverno para efeitos de turismo, Nice em relação a Sintra mostra em média um abaixamento termométrico de 6,26 gráus centígrados.

Nos quatro meses de estação calmosa, Nice mostra em média um acréscimo de 2°.24.

Ora, se Nice é apregoada pelas tubas da fama como estação de clima delicioso, imagine-se o valôr turístico do clima da zôna que compreende Sintra, Estoril e Cascais.

Com êste excepcional predicado e mais os outros atrás referidos, possuímos vantagens seguras de excepcional atracção turística, se os quisermos completar com dois elementos que nos faltam principalmente—um verdadeiro grande hotel em Lisboa e abundância de água no Estoril.

Quanto à água, os estudos feitos assentaram em que só poderá ser abundante, em tôdo o percurso da povoação da margem até Cascais, sendo fornecida pela Companhia das Águas de Lisboa. Sabe-se que estão em curso activo os trabalhos de captação e canalização dos caudais subsidiários, que em pouco trarão à capital a abundância desejada do precioso líquido.

Mas não se poderiam activar mais ainda os trabalhos em curso? Não se deveria tomar a peito êste assunto, empregando no maior número de horas o maior número de trabalhadores, e ao mesmo tempo ir já preparando a canalização até Cascais, para que a água, ao chegar a Lisboa, imediatamente se reparta pelas povoações que marginam o Tejo?

«O Século» já chamou há pouco, num sensáto e bem deduzido artigo editorial, a atenção para esta instante necessidade e é de crêr que as palavras do grande jornal tenham sido tomadas na devida consideração.

Quanto ao grande hotel—e a sua falta está sendo até um motivo deprimente para o nosso brio nacional—supômos que seria de fácil e rápida efectivação, se o Estado deliberasse colaborar com efficácia neste empreendimento, ou mandando construir e mobilar o edificio, adjudicando depois a sua exploração ou oferecendo ao capital particular nêle empregado uma razoável garantia de juro ou ainda adiantando a verba em parcelas correspondentes aos trôços de trabalho, ficando sucessivamente com a respectiva garantia hipotecária.

Emfim, a fôrma de realização é de importância secundária e seria escolhida a mais conveniente.

O que é indispensável é que o grande hotel se realize.

O Estado é o maior beneficiário do desenvolvimento turístico, pelo aumento de matéria colectável que produz, a qual cobrirá exuberantemente qualquer auxilio financeiro com que para êle contribúa.

É evidente que outros hoteis se tornam necessários, dada a hipótese bem fundamentada da expansão turística, especialmente no Estoril, cuja acção deverá abranger a incomparável Sintra, unificando-se as duas regiões numa única zôna, ligadas por um bom serviço de viação eléctrica ou automóvel.

Sintra é indispensável à vida completa do Estoril, proporcionando-lhe um desafôgo de maravilhosa paisagem, de beleza incomparável e afamada em tôdo o mundo, desde que alguns génios imortais a celebraram.

Mas precisa também dum hotel condigno da sua reputação, oferecendo a vantagem de já possuir um magnífico Casino.

Não é preciso, portanto, nenhum esforço incompatível com as mais correntes possibilidades para que Portugal consiga aproveitar o excepcional subsídio turístico que neste momento, pelas especiais condições em que outros países se encontram, se está fazendo notar já, e que, com a efectivação dos requisitos mencionados, deverá tornar-se em caudal de valôr financeiro em beneficio do País.

D. ALBERTO BRAMÃO

